

“Isn’t life...”: a epifaniaem “The garden party”, de Katherine Mansfield¹

Lívia Maria de Oliveira²

Resumo: O presente ensaio tem como objetivo apresentar uma análise do conto “The Garden Party”, de Katherine Mansfield, considerando a questão da epifania (ou o despertar da consciência). Consideramos que esse efeito literário, no conto, enfraquece a divisão de classes sociais em virtude do despertar da consciência de Laura, no leito de morte de um vizinho, o que possibilita uma abertura da consciência da personagem para os múltiplos sentidos da existência.

Palavras-chave: “The Garden Party”; Katherine Mansfield; Epifania.

Abstract: This paper aims to present an analysis of the short story “The Garden Party” by Katherine Mansfield, considering the issue of epiphany (or the awakening of consciousness). We consider that this literary effect, in the tale, weakens the division of social classes in due to the awakening of Laura's consciousness, on the deathbed from a neighbor, which enables an opening of the character awareness to the multiple meanings of existence.

Keywords: “The Garden Party”; Katherine Mansfield; Epiphany.

“I say, you’re not crying, are you?” asked her brother.

Laura shook her head. She was.

Laurie put his arm round her shoulder. “Don’t cry,” he said in his warm, loving voice. “Was it awful?”

“No,” sobbed Laura. “It was simply marvelous. But Laurie –” She stopped, she looked at her brother. “Isn’t life,” she stammered, “isn’t life–” But what life was she couldn’t explain. No matter. He quite understood.

“Isn’t it, darling?” said Laurie. (MANSFIELD, 2001, p. 261)

Assim termina um dos contos mais famosos da escritora neozelandesa Katherine Mansfield, intitulado “The Garden Party”, tornando-se objeto de análise desse ensaio,

¹ Trabalho final apresentado na disciplina “Literatura Inglesa: Modernidade”, do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no ano de 2013.

² Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Graduanda do curso de Letras (Português e Inglês) da Universidade Federal de Uberlândia. livia_oliveira08@yahoo.com.br

em especial, no que diz respeito à questão da epifania – efeito literário que, no conto, enfraquece a divisão de classes sociais em virtude do despertar da consciência de Laura, no leito de morte de um vizinho.

Katherine Mansfield, nascida Kathleen Mansfield Beauchamp, é uma importante autora de contos e poemas em língua inglesa, cujo poder da imaginação poética tornou sua obra única. Nasceu em 1888, na Nova Zelândia – país que, nessa época, ainda era colônia britânica. Proveniente de família rica, dedicou alguns anos de sua adolescência aos estudos na Inglaterra, onde decidiu permanecer definitivamente, fugindo do estilo de vida provinciano da Nova Zelândia.

Com a morte de seu irmão, soldado combatente na Primeira Guerra Mundial, Katherine Mansfield teve sua vida e seu trabalho modificados, devido ao choque e ao trauma recorrentes dessa experiência. Suas obras passaram a conter lembranças nostálgicas de sua infância na Nova Zelândia, talvez em memória dos momentos que vivenciou com o irmão. Nesse período, tinha amizades profissionais com D. H. Lawrence e Virginia Woolf, a qual admirava a escrita única de Mansfield.

Possuindo um estilo de vida boêmio – comum a muitos artistas e escritores da época, a escritora teve doenças como a gonorreia e a tuberculose, sendo que esta última a levou à morte. Segundo Thays Pretti (2012, p. 1),

[...] Grande parte de seus escritos foram publicados apenas postumamente pelo marido, uma vez que passou seus últimos anos de vida bastante depressiva e não tinha mais tanto interesse em publicá-los como anteriormente.

“The Garden Party” foi escrito em outubro de 1922. Alda Correia (2005, p. 125) afirma que

[...] depois de terminar o famoso “At the Bay” e pôr de parte “Married Man”, que nunca chegou a concluir, Katherine Mansfield inicia uma história sobre a família Sheridan, baseada em acontecimentos reais, ocorridos quando em

1907 Mrs. Beauchamp dera uma festa no jardim, em Wellington [– cidade natal da escritora].

O período de escrita do conto coincide com o período entre as duas guerras mundiais e reflete o contexto de sua criação – principalmente no que diz respeito à perturbação política e social em toda a Europa. A filosofia de sistemas de governos totalitários, cujo poder era ilimitado, fez-se presente, de forma que as pessoas começaram a discutir questões relacionadas com os sistemas de classe social existentes durante o período. A divisão da sociedade em classes sociais dava-se em função do sotaque e da educação.

Essa divisão social de classes pode ser encontrada neste conto, ao observarmos como a descrição dos espaços sociais estabelece a diferença entre as famílias – a que comemora a festa, a vida, e a que realiza o velório para o homem que morreu.

O conto tem início com a constatação do tempo ideal para uma festa no jardim. Uma descrição cheia de cor e de vida é apresentada ao leitor, antes da narração dos preparativos para a festa:

And after all the weather was ideal. They could not have had a more perfect day for a garden-party if they had ordered it. Windless, warm, the sky without a cloud. Only the blue was veiled with a haze of light gold, as it is sometimes in early summer. The gardener had been up since dawn, mowing the lawns and sweeping them, until the grass and the dark flat rosettes where the daisy plants had been seemed to shine. As for the roses, you could not help feeling they understood that roses are the only flowers that impress people at garden-parties; the only flowers that everybody is certain of knowing. Hundreds, yes, literally hundreds, had come out in a single night; the green bushes bowed down as though they had been visited by archangels(MANSFIELD, 2001, p. 245).

É no cenário dos preparativos para a festa que nos deparamos com Laura, personagem principal deste conto, a qual se encontra encantada com tais preparativos. Até que algo parece ter dado errado e o cozinheiro informa sobre o acidente.

“There’s been a horrible accident,” said cook. “A man killed.”

[...]

“Well, there’s a young chap living there, name of Scott, a carter. His horse shied at a tractions-engine, corner of Hawke Street this morning, and he was thrown out on the back of his head. Killed.” (MANSFIELD, 2001, p. 253)

Com essa notícia, Laura interroga a irmã Jose, perguntando-lhe se iriam interromper a festa no jardim e recebe uma resposta negativa e um pedido para não ser tão absurda e extravagante. Laura ainda argumenta, “But we can’t possibly have a garden-party with a man dead just outside the front gate” e “And just think of what the band would sound like to that poor woman” (MANSFIELD, 2001, p. 253-4); no entanto, a irmã não se compadece do acontecimento, como acontece com Laura, e esta se vê obrigada a ir conversar com a mãe.

Para a mãe, Laura demonstra preocupação com o fato de os vizinhos ouvirem a banda que iria tocar na festa, e recebe como resposta:

“But my dear child, use your common sense. It’s only by accident we’ve heard of it. If someone had died there normally – and I can’t understand how they keep alive in those poky little holes – we should still be having our party, shouldn’t we?” (MANSFIELD, 2001, p. 255).

Laura responde afirmativamente, mas continua preocupada com essa decisão. Assim, sua mãe lhe traz um chapéu, colocando-o na filha e admirando-a. Apesar de Laura tentar voltar ao assunto, a mãe perde a paciência, e a jovem se ausenta do cômodo. Indo para seu quarto e se olhando no espelho, ela se esquece por um momento de sua preocupação, e se admira com o chapéu, decidindo pensar no acidente somente ao final da festa.

Desse modo, ao final da festividade, o pai de Laura, Mr. Sheridan, comenta sobre o acidente e sobre o fato do motorista ter deixado esposa e filhos. Após um incômodo silêncio, a mãe decide arrumar uma cesta com boa comida, a qual Laura levaria para a família do morto. E, assim, ela segue colina abaixo – “The Lane began, smokyanddark” (MANSFIELD, 2001, p. 259) – até chegar à casa da família, na qual foi convidada a entrar, mesmo não sabendo como se comportar em frente a essas pessoas estranhas para ela, em uma situação tão estranha quanto.

Ao se deparar com o morto, encontramos a seguinte descrição:

There lay a young man, fast asleep – sleeping so soundly, so deeply, that he was far, far away from them both. Oh, so remote, so peaceful. He was dreaming. Never wake him up again. His head was sunk in the pillow, his eyes were closed; they were blind under the closed eyelids. He was given up to his dream. What did garden-parties and baskets and lace frocks matter to him? He was far from all those things. He was wonderful, beautiful. While they were laughing and while the band was playing, this marvel had come to the lane. Happy... happy... All is well, said that sleeping face. This is just as it should be. I amcontent.” (MANSFIELD, 2001, p. 261)

Em seguida, Laura não consegue sair do cômodo sem dizer algo a ele, de forma a pedir perdão pelo chapéu que estava usando. Depois, sai da casa e encontra o irmão, que está a sua procura, a pedido da mãe. Nesse momento, ele se depara com a irmã chorando e esta, bastante emocionada, inicia uma frase: “Isn’tlife –”, a qual não consegue terminar. E o conto se encerra com a afirmação que denota compreensão do irmão, Laurie, através de uma pergunta: “Isn’t it, darling?”.

É principalmente nessa última página do conto que observamos a presença do efeito literário analisado nesse ensaio, a epifania.

Maria do Carmo Quartin de Lima (2002), em sua dissertação intitulada “Epifania em Katherine Mansfield: imagens essenciais no espaço/tempo poético”, discute o conceito de epifania, considerado o êxtase silencioso.

De acordo com a autora, “a epifania se caracteriza por ser um momento finito, pontual, em que há uma abertura da consciência para os múltiplos sentidos da existência, o que se traduz pela compreensão do mundo em um só instante” (LIMA, 2002, p. 18). Lima (2002, p. 19) ainda pondera a definição de James Joyce, e afirma que a epifania “é o momento de apreensão completa da beleza do objeto, que emana uma espécie de luminosidade que invade e ao mesmo tempo paralisa o sujeito da percepção, como uma fascinação súbita e contagiante”.

Assim, considerando que “a epifania ocorre simultaneamente ao deslocamento da perspectiva do sujeito para o objeto [...] [e que] devido a essa mudança do ponto de vista é que haverá um olhar novo e uma abertura da consciência” (LIMA, 2002, p. 22), observamos no conto que a visão de Laura sobre a vida é construída, na narrativa, através do espaço da alta sociedade e dos elementos presentes neste espaço desfrutados por sua família. Tais elementos que caracterizam a alta sociedade no conto são referentes a uma vida de festas, de posses, de comidas boas e fartas e de riquezas – elementos que contribuem na construção do significado de felicidade previamente conhecido por Laura.

A partir do momento em que a personagem se desloca fisicamente do espaço de sua residência para a casa do homem morto, cuja classe social é perceptivelmente inferior à da família de Laura, há um deslocamento, também, do ponto de vista de Laura, enquanto sujeito, para a constituição espacial da vizinhança e para o homem morto – como representação da morte e objeto, neste caso.

Há, nesse momento, um despertar e uma abertura da consciência de Laura para os múltiplos sentidos da existência. A personagem compreende, na conscientização sobre a morte, que a vida é muito mais do que era vivenciado dentro de sua casa. Laura observa, também, que os elementos que fazem parte do seu mundo – enquanto classe social alta – como as festas no jardim, cestas com comidas e vestidos de renda, são indiferentes para o homem morto, mesmo este pertencendo a uma classe inferior, pois a morte o tornou remoto, em paz, sonhando e feliz, ou seja, liberto das questões, das classificações e dos julgamentos mundanos.

Nesse sentido, a morte compreende um símbolo que tem poder de igualar os indivíduos, visto que o seu acontecimento é indiferente às diversas classes sociais, às raças, ao sexo, entre outros – elementos de classificação que, em vida, evidenciam uma segregação dos indivíduos nas sociedades, como se até as experiências ao longo da vida e em relação à morte também se diferissem de pessoa para pessoa, de acordo com sua classificação social. Assim, no apagamento das diferenças tão marcadamente sociais, coloca-se em questão a noção de coletividade, no sentido de igualdade, de forma a considerarmos a fascinação súbita e contagiante sentida por Laura diante do evento e do ritual da morte como um despertar e uma abertura de sua consciência para aquilo que a vida pode vir a ser, na desconsideração das classificações responsáveis pelas divisões da sociedade. Essa fascinação, enquanto momento epifânico, é, ainda, responsável pela falta de palavras sentida por Laura na tentativa de explicar o que seria a vida, “ ‘Isn’t life,’ she stammered, ‘isn’t life –’ But what life was she couldn’t explain” (MANSFIELD, 2001, p. 261) – pergunta esta somente possível de ser respondida ou completada pelos leitores do conto, em suas experiências e em suas representações de vida.

Referências

CORREIA, Alda. *Celebrar a vida e a morte - A festa em "The gardenparty" (Katherine Mansfield), e "Feliz aniversário" (Clarice Lispector)*. 2005. p. 125-134. Disponível em: <run.unl.pt/bitstream/10362/7284/1/RFCSH17_125_134.pdf> Acesso em: 11 de fev. de 2013.

LIMA, Maria do Carmo Quartin de. *Epifania em Katherine Mansfield: imagens essenciais no espaço/tempo poético (estudo dos contos Sol e lua, A casa de bonecas, A festa e Felicidade)*. 2002. 99 f. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Paraná. Curitiba. Disponível em:

<<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24505/D%20-%20LIMA,%20MARIA%20DO%20CARMO%20QUARTIN%20DE.pdf?sequence=1>> Acesso em: 11 de fev. de 2013.

MANSFIELD, Katherine. The Garden Party. In: _____. *The Collected Stories of Katherine Mansfield*. London: Penguin, 2001. p. 245-261.

PRETTI, Thays. Uma casa de bonecas no meio do mundo: análise do conto “The doll’s house”, de Katherine Mansfield. In: 2ª Jornada Internacional de Estudos do Discurso e 1º Encontro Internacional da Imagem em Discurso (UEM) . *Anais Eletrônicos*. 2012. Disponível em: <<http://anais.jiedimagem.com.br/pdf/2332.pdf>> Acesso em: 11 de fev. de 2013.